

O Brasil poderia virar uma Coreia do Sul?

Sérgio Lazzarini

Para copiar a Coreia, o Brasil precisaria de três fatores cruciais que, na realidade, são suas fraquezas crônicas



Não é fácil para o Brasil ser igual à Coreia do Sul (Foto: Getty Images)

É inegável o fascínio do governo atual brasileiro com o modelo da Coreia do Sul. E não é para menos. Embora partindo de um nível de renda bem mais baixo que o Brasil, a Coreia atingiu, nesse último ano, um nível de renda per capita cerca de 2,5 vezes o brasileiro e já é considerada por diversos analistas um país desenvolvido.

Para muitos do nosso governo, a causa desse sucesso é a ênfase dada pela Coreia ao apoio de grandes empresas ou “campeões nacionais” da indústria de transformação. Samsung, LG, Hyundai seriam, assim, modelos a serem seguidos, ao passo que a ênfase do Brasil em commodities (minerais e produtos do agronegócio) seria uma tendência a ser combatida. O remédio? Ênfase na formação de grandes grupos, tarifas de importação e subsídios à indústria, incentivos à manufatura de produtos de “alta tecnologia”.

Copiar a Coreia, porém, é muito mais difícil do que se imagina. Há pelo menos três fatores cruciais ao desenvolvimento sul-coreano que são, em realidade, fraquezas crônicas do Brasil.

O primeiro fator é educação. Em 1965, 100% dos alunos na Coreia já estavam matriculados no ensino fundamental. Atualmente, o percentual da população adulta com nível secundário é de 80% na Coreia, o dobro do observado no Brasil. Os estudantes sul-coreanos estão sempre no topo dos rankings do exame internacional PISA, com um desempenho 41% superior aos estudantes brasileiros no exame de matemática de 2009.

Muitos até argumentam que essa foi a causa fundamental do desenvolvimento do país. Com um elevado contingente de pessoas bem formadas e treinadas, o impulso industrial teria sido apenas consequência. Em contraste, no Brasil os empresários se ressentem da falta de pessoal qualificado e vários setores industriais têm enfrentado aumento de custos sem que haja ganhos correspondentes de produtividade. Nesse cenário, de nada adianta incentivar artificialmente a indústria se as bases da competitividade são precárias.

O segundo fator diz respeito à execução de políticas industriais. Na Coreia, grandes empresas receberam, de fato, proteção tarifária e maciços subsídios. Contudo, o governo estabelecia metas claras a essas empresas. Muitas, por exemplo, tinham que exportar e crescer no mercado internacional. Não atingir as metas poderia significar término nos incentivos e colocar a empresa em apuros. É a famosa política da “cenoura e chicote”.

No Brasil, muitos setores industriais têm recebido proteção, incentivos tributários e crédito subsidiado sem contrapartidas claras. Há indícios de que diversas grandes empresas recebem volumosos recursos de bancos públicos sem que isso se reverta em investimento produtivo. Um técnico do governo chegou a declarar que metas devem existir, mas devem ser “flexíveis”. Ou seja: por aqui, há muita cenoura e pouco chicote.

O terceiro fator é que o modelo de desenvolvimento coreano foi fundamentalmente calcado em inserção internacional. Ao disputar mercados externos, a empresa tem mais estímulo para se aprimorar continuamente pois qualquer deslize pode ser fatal. Grande parte do impulso inovador da Embraer se deve ao seu esforço de disputar os exigentes mercados dos Estados Unidos e Europa. Mas essa é mais a exceção do que a regra.

Aqui, de forma oposta, a palavra de ordem parece ser cada vez mais explorar o mercado doméstico. Nossas bases do crescimento, segundo muitos, serão baseadas no estímulo ao consumo local. E, com várias iniciativas de intervenção engendradas pelo governo, muitos empresários parecem mais interessados em circular pelo Planalto do que vender pelo mundo. Já se pretende até desvirtuar o nosso modelo de Zonas de Processamento de Exportação (ZPEs). Desenhadas para prover incentivos tributários a empresas que exportem pelo menos 80% da sua receita, agora existe pressão para que esse percentual de reduza para 60% ou menos.

Uma cadeira, para parar em pé, tem que ter todas as pernas. Não adianta copiar o modelo sul-coreano sem atentar para o que efetivamente garantiu o seu sucesso. Fazendo isso, estaremos apenas jogando sob o tapete nossos reais problemas e negligenciando fatores que verdadeiramente poderiam dar novo impulso ao nosso desenvolvimento.

*Sérgio Lazzarini é Professor Titular do Insper e autor de “Capitalismo de Laços: os Donos do Brasil e suas Conexões”.
E-mail: sergiogl1@insper.edu.br*

**Fonte: Época Negócios. [Portal]. Disponível em:
<<http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Vida/noticia/2012/08/o-brasil-poderia-virar-uma-coreia-do-sul.html>>. Acesso em: 8 ago. 2012.**